

## CENTRO CULTURAL DE ACOLHIMENTO E SOCIALIZAÇÃO PARA REFUGIADOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

<sup>1</sup>Luciano Santos da Silva Filho; <sup>2</sup>Sarah Persivo Alcântara; <sup>1</sup>Germana Patrícia Gomes Barros; <sup>1</sup>Nathanael de Souza Maciel; <sup>1</sup>Antônio Diego Costa Bezerra; <sup>3</sup>Cidianna Emanuelly Melo do Nascimento.

<sup>1</sup>Mestrando em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará - UECE; <sup>2</sup>Egressa da Residência em Saúde da Família e Comunidade pela Escola de Saúde Pública do Ceará - ESP/CE;  
<sup>3</sup>Doutoranda em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará - UECE.

**Área Temática:** Temas transversais

**Modalidade:** Pôster Interativo

**E-mail do autor:** lucianofilhofisio@gmail.com

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** Desde a Segunda Guerra Mundial, a questão do refúgio tem sido um dos grandes desafios internacionais, atingindo proporções sem precedentes nos últimos anos. **OBJETIVO:** Relatar a experiência profissional fisioterapeuta e assistente social no estágio eletivo da Residência Multiprofissional em Saúde em um centro cultural de acolhimento e socialização de refugiados no norte da Noruega. **MÉTODOS:** Relato de experiência de natureza descritiva, que utilizou o método de sistematização de experiências. A experiência ocorreu no *SISA Kultursenter*, centro cultural de acolhimento e socialização da cidade de Alta, na Noruega, durante os meses de julho a agosto de 2016. **RESULTADOS:** Alguns refugiados encontravam no SISA um espaço para continuar a desenvolver o mesmo trabalho que no seu país de origem e através disso manter-se ocupado e em ação. Durante a experiência o centro passou por algumas reformas físicas em decorrência da recepção de uma refugiada com bebê de colo que não possuía local para se instalar na cidade. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O SISA não é um serviço engessado, mas sim dinâmico e recreativo, que busca acima de tudo cultivar o respeito e a cultura da paz.

**Palavras-chave:** Refugiados, Acolhimento, Integração Local.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde a Segunda Guerra Mundial, a questão do refúgio tem sido um dos grandes desafios internacionais, atingindo proporções sem precedentes nos últimos anos (SILVA *et al.*, 2021).

A partir de 2015, com a intensificação dos conflitos no Oriente Médio e Norte da África, há um importante êxodo populacional com destino à Europa, caracterizado por contornos de uma tragédia humanitária. Milhares de pessoas fogem dos seus países para escapar da violência, das perseguições, da pobreza e da fome, das sucessivas violações de direitos humanos e insegurança (JARANOVIC, 2016).

Segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados - ACNUR, em 2017, o número de pessoas que deixaram seus países aumentou cerca de 68,5 milhões, das quais 25,4 milhões eram de refugiados. Nesse sentido, as estratégias e recursos de integração dessas pessoas tornou-se um importante tema para os Estados que os recebem (SILVA *et al.*, 2021).

No que diz respeito à integração dessas pessoas a uma nova cultura, é preciso destacar as dificuldades nos processos de adaptação, estabilização até a “eventual” integração de fato. Esse ritual, muitas vezes imposto pela soberania dos Estados, parece ser a única forma de integração. Todavia, faz-se necessária a reflexão acerca desse processo, no qual deveria ter bases conceituais mais atuais e amplas com garantias e pleno exercício de direitos ao acesso a serviços públicos, bem como respeito a identidade do refugiado (FORTUNATO, 2019).

Assim, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência profissional fisioterapeuta e assistente social no estágio eletivo da Residência Multiprofissional em Saúde em um centro cultural de acolhimento e socialização de refugiados no norte da Noruega.

## 2 MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência de natureza descritiva, que utilizou o método de sistematização de experiências proposto por Holliday (2006). Esse método permitiu a reconstrução a experiência vivenciada através de cinco etapas para apresentação da experiência: 1) O ponto de partida: o início do processo de sistematização da experiência; 2) As perguntas iniciais: definição do objeto e objetivo da experiência; 3) Recuperação do processo vivido: processo de reconstrução da história; 4) A reflexão de fundo: análise e interpretação por meio do embasamento teórico; e 5) Os pontos de chegada: principais resultados alcançados (HOLLIDAY, 2006).

A experiência ocorreu no *SISA Kultursenter*, Centro cultural de acolhimento e socialização da cidade de Alta, na Noruega, durante os meses de julho a agosto de 2016. O *SISA* é uma organização sem fins lucrativos que há quatorze anos atua com foco na relação entre cultura e saúde. É financiado pelo governo municipal e instituições privadas, com apoio de entidades como a Cruz Vermelha e a Associação para Pessoas com Deficiência.

Os sujeitos envolvidos foram os profissionais residentes fisioterapeuta e assistente social no período de estágio eletivo da Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade. O estágio eletivo consiste na vivência externa do cenário de prática, caracterizado pela imersão completa em outro contexto de vivência, seja em território nacional ou internacional. A escolha do campo de estágio pode ser feita pelo residente e ter duração de 30 dias corridos (CEARÁ, 2019).

O ponto inicial surgiu do interesse dos dois profissionais residentes em vivenciar intervenções com coletivos em contextos socioeconômicos diferentes do Brasil, com o objetivo de expandir a visão de mundo e de cultura, bem como utilizar a arte e cultura para produção de cuidado em saúde e fortalecimento dos sujeitos enquanto construtores de seus espaços e identidades.

A partir do contato próximo com uma das participantes do centro foi possível articular a realização do estágio sob os termos exigidos pela Escola de Saúde Pública do Ceará - ESP/CE. Após esse processo, foi apresentado à ESP/CE o plano de estágio, no qual foi apreciado por todas as instâncias de deliberação relacionadas à residência.

O contexto social do período foi marcado justamente pelo crescimento do número de refugiados na Noruega e dos desafios dos países europeus em acolher e socializar essas pessoas, bem como promover a integração com a comunidade local (SILVA *et al.*, 2021).

A partir do desenho da intervenção surgiu como objeto a criação de vínculos com a equipe e com as mais de 40 pessoas de diversas nacionalidades, sobretudo os refugiados de guerra vindos da Líbia, Síria e Líbano. Sob essa lógica, buscou-se a produção de saúde a partir do uso da arte e da cultura no processo de reconstrução e ressignificação das histórias de vida dessas pessoas.

Inicialmente foi realizada uma imersão no serviço para conhecer seu funcionamento, equipe responsável, visitantes e voluntários, projetos que estavam sendo executados e os formatos de comunicação utilizados entre as diversas nacionalidades. Logo em seguida, aplicou-se um questionário sobre o que se queria saber a respeito das pessoas e do *SISA* a partir do olhar de quem utilizava o serviço.

Por meio dessa coleta de informações criou-se um diário de campo em que eram registradas todas as interações, histórias de vida, atividades vivenciadas, reuniões e eventos promovidos. Todas as segundas-feiras o centro era fechado ao público para reunião de equipe. Nesse encontro, eram apresentados os novos projetos, problemas e soluções encontradas na semana anterior, e daí eram definidas as ações de cada integrante para a semana que se iniciava.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alguns refugiados encontravam no SISA um espaço para continuar a desenvolver o mesmo trabalho que no seu país de origem e através disso manter-se ocupado e em ação. Os que não encontravam essa oportunidade, devido à complexidade do que exerciam anteriormente, realizavam ações de acordo com outras habilidades com as quais se identificavam. Era uma forma de promover a inclusão social e aproximar-los tanto da cultura local, dos noruegueses, e da sociedade pela via do trabalho. Um dos exemplos foi o iraquiano que trabalhava como cabeleireiro/barbeiro e o sírio que era alfaiate. Ambos dispunham de um espaço no Centro para realizarem seus trabalhos, que era usufruído tanto por outros refugiados, como pela própria população norueguesa. E o caso da contadora libanesa, que não podendo exercer sua função de origem, auxiliava na parte da culinária e ficava responsável pelo Cafeteria existente no Centro.

Dessa forma o Centro se organizava a partir das habilidades dos refugiados e noruegueses que se disponibilizavam como voluntários e a partir dos recursos que recebiam como doação ou como subsídios de projetos submetidos pelo Centro. Assim sendo, algumas coisas não saiam como o planejado, sendo necessário o exercício constante de lidar com mudanças de estratégias e a reorganização do funcionamento do Centro, inclusive reorganização de estrutura física, o que dificultava muitas vezes a compreensão da própria população a respeito do que era e qual a função do centro.

Todavia, esta não é uma realidade em todos os países com refugiados. No Brasil, por exemplo, os refugiados enfrentam dificuldades por não possuírem estabilidade financeira provocada pela falta de oportunidades profissionais. Este problema atinge desde os refugiados com formação até os sem experiência que são, muitas vezes, utilizados em subempregos com salários desproporcionais (SILVA, 2019).

Similar a uma cooperativa, mas bem mais complexa e organizada, uma vez que cada um desenvolvia um trabalho completamente diferente do outro, sendo todos no mesmo espaço, mas de uma forma que o serviço de um não atrapalhava o do outro, e que a partir da necessidade, cada um podia cooperar com o outro. Foi possível perceber também que o Centro se adaptava e se reformulava a partir dos novos projetos que eram colocados em execução. Assim, o espaço era mutável a cada nova proposta, e todos os integrantes colaboravam para o êxito das atividades previstas.

Durante a experiência o centro passou por algumas reformas físicas em decorrência da recepção de uma refugiada com bebê de colo que não possuía local para se instalar na cidade, pois o departamento municipal responsável pelos refugiados havia sido fechado na cidade, bem como criação de uma mini-biblioteca num dos espaços de convivência.

Outro ponto que merece destaque era a comunicação, pois o centro era composto por pessoas de diferentes nacionalidades, alguns não falavam norueguês nem inglês, o que tornava o diálogo desafiador. Todavia, todos se ajudavam: quem sabia mais de uma língua repassava o que estava sendo discutido.

Estar em um ambiente novo, no qual não se conhece as pessoas, e, principalmente, não é o seu habitat linguístico natural, exige paciência, desprendimento e criatividade. No entanto, à medida que se vai familiarizando com o ambiente e com as pessoas, a aproximação vai ficando mais fácil e fluindo de maneira mais tranquila.

Nessa lógica, Estimable e Botega (2022) afirmam que a dificuldade na comunicação e a falta de conhecimento sobre a cultura do país de origem podem colocar os profissionais em situações inconvenientes, numa linha tênue entre submissão e violência. Todos esses processos geram sofrimento psíquico tanto para os profissionais como para os usuários imigrantes e refugiados.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O centro consistia numa proposta inclusiva que ofertava atividades nos mais diversos espectros da constituição do ser humano e da sociedade, como cultura, saúde, convívio social, educação, meio ambiente e lazer. Além disso, atuava na perspectiva do respeito aos direitos humanos, sem subjugar as diferentes culturas que ali se congregavam e sem impor molduras. Essas atividades eram integradas com a vida da cidade, com o objetivo de inserir os estrangeiros e refugiados ao cotidiano da comunidade, bem como estimular a população local a se envolver e usufruir do centro.

Assim, a partir da experiência vivida percebeu-se que o serviço contava com uma equipe acolhedora, proporcionou o contato com diversos povos em um só ambiente, e trouxe como reflexão o olhar do profissional de saúde para as questões sociais e culturais. O SISA não é um serviço engessado, mas sim dinâmico e recreativo, que busca acima de tudo cultivar o respeito e a cultura da paz.

## REFERÊNCIAS

CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. Escola de Saúde Pública do Ceará. **Manual do Profissional Residente**. Informações ético-político-pedagógicas sobre a residência integrada em saúde - RIS-ESP/CE. Ceará: Escola de Saúde Pública do Ceará, 2019.

ESTIMABLE, C.; BOTEGA , G. P.. A mediação cultural no atendimento psicossocial aos imigrantes e refugiados na perspectiva das trabalhadoras de um Centro de Referência de Assistência Social. **Das Amazôncias**, [S. l.], v. 5, n. 01, p. 46–61, 2022. DOI: 10.29327/268903.5.1-9. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/6020>. Acesso em: 6 set. 2022.

FORTUNATO, Elissa Macedo. **Integração de refugiados no Brasil: a construção de políticas públicas e a visão dos refugiados Sírios**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.8.2019.tde-27112019-190711. Acesso em: 24 ago. 2022.

JARANOVIC, Jovana. **A crise de refugiados e a Agenda Pós-2015: procurar soluções locais para um desafio mundial** O caso dos Balcãs como rota de trânsito. Mestrado em Estudos de Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais. Lisboa: ISCTE-IUL, 2016. Dissertação de mestrado. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/12530>. Acesso em: 23 ago. 2022.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. Tradução de: Maria Viviana V. Resende. 2. ed., revista. – Brasília: MMA, 2006. 128 p. ; 24 cm. (Série Monitoramento e Avaliação, 2). ISBN 85-87166-97-2.

SILVA, Pablo Marlon Medeiros da *et al.* Integration of refugees involving organizational managers' experiences. **Cadernos EBAPE.BR** [online]. 2021, v. 19, n. 2 [Acessado 24 Agosto 2022] , pp. 338-352. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120200017>.

SILVA, Marcos Vinícius de Sousa. **Abriço Centro-Oeste**: Complexo de Imersão Cultural para Refugiados. Centro Universitário de Goiás – Uni-ANHANGUERA. 2019. Disponível em: <http://repositorio.anhanguera.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/146>